Fundação **Casa de Rui Barbosa**

www.casaruibarbosa.gov.br

A experiência do Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso (CCJ) e sua inserção na economia criativa

Isaura Botelho*

Margret Althuon**

Mônica Landi***

Resumo: O presente artigo pretende analisar o papel do Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso (CCJ), equipamento da Secretaria Municipal da Cultura, localizado na periferia de São Paulo, enquanto instrumento de uma política pública capaz de promover linguagens artísticas e difundir expressões culturais de interesse do público jovem voltada para a "Economia Criativa".

Palavras-chave: Economia Criativa; linguagens artístico-culturais; políticas públicas; juventude; equipamento público de cultura.

Introdução

O tema "Economia Criativa", desde final da década de 90, vem ganhando destaque na mídia e na pauta da agenda de políticas públicas de diferentes governos. Esse fato se explica em razão da importância que atividades baseadas na criatividade vêm

* Isaura Botelho consultora da Fundap, zau.botelho@gmail.com

** Margret Althuon técnica da Fundap, malthuon@fundap.sp.gov.br

*** Mônica Landi técnica da Fundap e professora do Departamento de Economia da FEA/PUC-SP, mlandi@fundap.sp.gov.br

assumindo na transformação produtiva de diversos bens e serviços, contribuindo, dessa forma, para o crescimento econômico de uma região[1].

Na realidade, embora não exista uma definição única nem um consenso sobre o termo, de maneira geral, Economia Criativa pode ser entendida como o ciclo de transformação que engloba a criação, a produção e a distribuição de produtos e serviços que usam a criatividade, o ativo intelectual e o conhecimento como principais recursos produtivos[2].

Evidentemente, que as transformações tecnológicas e o processo de globalização contribuíram, sobremaneira, para que essa abordagem fosse amplamente difundida, ganhando relevância, inclusive, como parte de uma estratégia de desenvolvimento da agenda dos países emergentes.

Em vistas dessas considerações, o objetivo central deste artigo é analisar o papel do Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso (CCJ), equipamento da Secretaria Municipal da Cultura, localizado na periferia de São Paulo, enquanto instrumento de uma política pública capaz de promover linguagens artísticas e difundir expressões culturais de interesse do público jovem voltada para a "Economia Criativa".

O presente artigo está estruturado em duas partes específicas. A primeira parte faz uma breve síntese do processo de criação e desenvolvimento do CCJ, discutindo sua trajetória no que se refere aos objetivos, às ações propostas e aos seus eixos de gestão. Na segunda parte do artigo, tecem-se algumas considerações sobre a

[1] As principais instituições nacionais e internacionais que estudam o tema Economia Criativa são: Unesco, Unctad, DCMS (*Department for Culture, Media and Sport*, do Reino Unido), DEPS (*Département des Études de la Prospective et des Statistiques*, do governo francês), KEA European Affairs, OIC, IBGE e Firjan (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro).

[2] Foi com o propósito de melhor entender e qualificar essa discussão, que, em meados de 2009, a Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap foi contratada pela Secretaria de Governo Municipal de São Paulo com a tarefa de desenvolver um projeto denominado "Caracterização e potencialidades das principais cadeias produtivas baseadas na criatividade" para a cidade.

contribuição do CCJ enquanto promotor e difusor de atividades culturais e artísticas, foco da Economia Criativa, para a cidade de São Paulo.

1. Centro Cultural da Juventude – Ruth Cardoso (CCJ): sua origem e evolução institucional

Considerado um dos projetos prioritários da gestão do Prefeito José Serra (2004/2006), o Centro Cultural da Juventude foi construído em apenas sete meses e inaugurado em 27 de março de 2006. Na realidade, a implantação de um projeto semelhante já vinha sendo discutida nas esferas do governo municipal paulista desde a gestão anterior[3]. O Centro foi erguido a partir da reforma da estrutura inacabada de um antigo sacolão, instalado em um terreno de 8.000 m^2, situado no bairro de Vila Nova Cachoeirinha, na periferia da Zona Norte de São Paulo, com fácil acesso de transporte público e privado. De acordo com informações da própria equipe do CCJ, passaram, em 2008, cerca de 800 usuários/dia por suas diversas atividades ou espaços[4]. Seus frequentadores são compostos de jovens de outras periferias, sobretudo Santo André, São Caetano e São Bernardo (35% a 40%), da própria região (50%) e da Zona Oeste (10% a 15%).

A proposta original tinha como prioridade não apenas abrigar atividades voltadas para as áreas de cultura e lazer, mas transformar-se também em uma ampla arena de debate, inserindo outras inquietações do universo jovem, tais como saúde, educação e emprego. Registra-se que esse Centro baseou-se em projeto-piloto desenvolvido pela Prefeitura de Madri, na década de 90, e replicado para toda a Espanha e outros países da Europa. Em conformidade com essa dimensão mais abrangente, foi denominado de

[3] Na gestão de Marta Suplicy (2000-2003) já havia sido feita licitação para a construção de um centro cultural no local, em substituição a uma obra inacabada, que fora iniciada no governo Jânio Quadros, conforme relata SILVA (2006, p. 86).

[4] Em 2009, essa média foi reduzida para 600 usuários/dia, que pode ser explicada, em parte, pela má qualidade dos serviços de conexão da internet (não havia banda larga, na época), agravada pela abertura de telecentros no entorno.

Centro de Cidadania da Juventude, subordinado à Secretaria Especial para Participação e Parceria, por meio da Coordenadoria da Juventude[5]. No entanto, em junho de 2006, o Decreto n. 47.388 alterou sua denominação para Centro Cultural da Juventude[6] e o transferiu para a Secretaria Municipal de Cultura.

Essa nova subordinação, motivada principalmente por razões de ordem financeira, pelo fato do CCJ não dispor de dotação orçamentária própria, reforça o processo de esvaziamento pelo qual vinha passando a temática juventude na agenda da política pública municipal desse governo. Ademais, a forma de gestão conduzida pela prefeitura, priorizando cada vez mais a centralização das decisões, acabou dificultando o processo de discussão dos assuntos referentes à problemática dos jovens, que envolve órgãos da esfera pública e entidades da sociedade civil.

Vale registrar, no entanto, que a Coordenadoria da Juventude, muito embora tenha a missão de assegurar, no âmbito municipal, as políticas públicas para jovens, foi tímida sua participação no processo de construção do modelo de gestão e de planejamento de atividades do CCJ. Ao que tudo indica, a liderança dessa tarefa coube, apenas, à Secretaria Municipal de Cultura, que contou com o Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (Cieds)[7], para assessorar a Coordenadoria da Juventude quanto à execução de ações prioritárias para a definição e implantação das atividades iniciais do CCJ. Por meio de convênio, essa organização elaborou o

[5] É importante ressaltar que a Lei n. 13.169/2001 criou a Coordenadoria Especial da Juventude (CEJ) que tinha como objetivo principal “coordenar e promover o desenvolvimento e a implantação de políticas e programas para a juventude na cidade de São Paulo” (artigo 79). Em 2005, o Decreto n. 45.712 transferiu essa CEJ para a Secretaria Especial para Participação e Parceria, com a alteração do seu nome para Coordenadoria da Juventude.

[6] A nova nominação como CCJ Ruth Cardoso deu-se em 2009.

[7] O Cieds representa uma organização não governamental; o convênio assinado entre a Prefeitura Municipal de São Paulo cobriu o período de março 2006 a dezembro de 2008. Informação extraída de <http://wwwcieds.org.br/1,465,centro-cultural-da-juventude-ruth-cardoso> em 18/6/2010.

"Plano de Atividades" para os primeiros seis meses de funcionamento do CCJ, com a contratação, inclusive, de grande parte de seu corpo técnico.

Esse primeiro plano de atividades abrangia desde o processo de planejamento, modelo de gestão, a definição e os critérios de seleção das atividades, até o calendário de eventos, sua grade horária e a distribuição de cursos e oficinas. Quanto ao modelo de gestão, o Cieds propôs que fosse organizado em torno de cinco eixos principais, a saber: biblioteca; multimeios; redes sociais; difusão cultural; e formação. Foi também sugerida a criação de um sistema de informações que servisse de norte para a avaliação e o atendimento de futuras demandas dos jovens.

A Tabela 1 sintetiza alguns dos principais resultados extraídos dos relatórios de atividades elaborados pelos coordenadores, para o ano de 2009.

Tabela 1

CCJ - RESUMO DA PROGRAMAÇÃO OFERECIDA EM 2009, segundo eixos de gestão

Eixos de Gestão	Atividades	Eventos	Capacidade	Efetivo		Valor	
				Absoluto	(%)	R$	(%)
BIBLIOTECA	166	736	60.022	32.524	54,2	65.510,00	14,7
MULTIMEIOS	78	497	80.182	25.496	31,8	82.273,00	18,4
REDES SOCIAIS	421	3.187	32.057	24.952	77,8	38.480,00	8,6
DIFUSÃO CULTURAL	95	193	19.220	12.689	66,0	260.228,00	58,3
TOTAL	760	4.613	191.481	95.661	50,0	446.491,00	100,0

Fonte: Relatório CCJ 2009. Elaboração Própria

Observa-se que, dentre os quatro eixos de gestão destacados, o de "Difusão Cultural" absorve mais da metade (58,3%) do total dos recursos destinados à programação de 2009 em razão dos grandes eventos e espetáculos ao vivo, que demandam cachês artísticos mais bem remunerados.

O eixo de gestão "Multimeios" recebe, por sua vez, o segundo maior desembolso do CCJ (18,4%), explicado pelas despesas indispensáveis com os projetos específicos voltados à adequação da rede de informática às atividades internas e à comunicação

externa do CCJ, a saber: (a) o *site* do CCJ (na plataforma livre *Wordpress*); (b) o *Acervo Digital Lab C* (ADLC); (c) a manutenção da sala de projetos e desenvolvimento de *Render Farm*; e (d) o desenvolvimento de *Pylan* (gerenciador da internet livre). Registre-se que apesar de os 497 eventos (78 programas) terem oferecido 80.182 vagas em oficinas diversas, o número efetivo de participantes foi inferior ao esperado, devido, em grande parte, ao reduzido número de monitores/técnicos habilitados para o exercício das tarefas[8].

O eixo de gestão "Redes Sociais" agrupa programas[9] que demandam poucos recursos (8,6%), mas atraem grande público (77,8% de ocupação), uma vez que procuram estimular a autonomia e a participação dos jovens em espaços específicos no CCJ.

Já o eixo de gestão "Biblioteca" abriga três grandes projetos com distintos focos de atração. São eles: (a) "Encontros e Reflexões" preocupa-se em despertar o interesse dos jovens pela leitura, pela escrita e pelo debate de idéias, trazendo autores/artistas para discutirem suas obras ou temas atuais, estimulando a interação com os jovens; (b) "A hora e a vez do vestibular" concentra-se em formar grupos de leitores capazes de analisar o conteúdo de um texto e aprimorar a leitura interpretativa e crítica; e (c) "Aventura de Idiomas" possibilita aos frequentadores o acesso a materiais e informações que auxiliem no aprendizado de línguas e culturas estrangeiras. A procura por essas atividades foi bastante satisfatória, uma vez que ocupou mais da metade das vagas oferecidas (54,2%) com apenas 14,7% do total de recursos despendidos em 2009.

Em termos orçamentários, o CCJ dispõe, desde 2007, de cerca de 0,014% do total de recursos liquidados anualmente pela Secretaria Municipal de Cultura.

[8] Em 2010, pelas entrevistas realizadas, essa restrição foi aparentemente solucionada por meio de treinamentos e contratações específicas.

[9] Fazem parte desse eixo de gestão os seguintes programas: "Faça você mesmo"; "Ocupação de Espaço"; "Ocupação de Exposição"; e "Agendamento de Ilhas de Edição: gráfico, áudio e vídeo".

Além de contribuir no processo de gestão do CCJ, o Cieds foi responsável pela introdução de novas formas contratuais tanto para o apoio a projetos juvenis e produtos culturais de estímulo a novos artistas, como para a formação e remuneração dos jovens que fossem trabalhar nesse equipamento cultural público. O resultado desse movimento permitiu que o quadro funcional do CCJ fosse relativamente reduzido, totalizando, em abril de 2010, 103 empregados com vínculos contratuais distintos[10]. Chama ainda a atenção o fato de sua equipe ser constituída por jovens que procuram desenvolver relações de trabalho democráticas e participativas, a exemplo da Carta de Princípios desse centro, cuja elaboração contou com a participação de toda a equipe (gestores e demais funcionários).

Por fim, em 2010, com o intuito de reformar sua programação em proveito dos usuários e de configurar-se como espaço diferenciado de/para/com jovens, o CCJ decide introduzir um novo modelo de gestão apoiados em seus cinco principais objetivos, a saber:

> I. promover atividades culturais e estimular a produção artística; II. produzir e divulgar informações de interesse dos jovens; III. ampliar a formação, o conhecimento, as oportunidades e as habilidades que auxiliem na inserção social dos jovens**;** IV. criar alternativas de lazer e convívio; V. articular-se com entidades e instituições ligadas à cultura e ao universo da juventude, bem como integrar e apoiar iniciativas locais.

Ao que tudo indica essa reconfiguração caminha de forma a permitir que o CCJ ofereça aos seus jovens frequentadores os meios necessários para que possam despertar e

[10] O corpo técnico envolvido com as atividades culturais artísticas soma 57 pessoas, dos quais 29 são funcionários municipais (de carreira e em cargos de confiança) e 28 são monitores, vinculados ao Programa Jovem Monitor (parceria firmada entre o CCJ e o Instituto Tomie Ohtake, que prevê 30 horas semanais remuneradas, sendo 24 horas de trabalho prático no CCJ e 6 horas de formação com aulas práticas e teóricas no instituto, além de cesta básica e vale-transporte, durante um ano de estágio). Os demais 46 empregados executam tarefas de limpeza, manutenção/conservação, transporte, vigilância e jardinagem, sob o regime terceirizado.

conhecer seu potencial em termos de talentos e habilidades específicas, abrindo-lhes novos caminhos de inserção na sociedade paulista. Por meio de uma diferenciada e intensa programação de atividades artístico-culturais, o CCJ tenta se distinguir dos demais centros culturais espalhados pela cidade de São Paulo, ao se apoiar no jovem como ator e protagonista desse espaço.

No próximo item, serão feitas algumas considerações sobre a contribuição do CCJ enquanto equipamento público capaz de atrair os jovens e de explorar seus talentos e/ou habilidades, em busca de outras oportunidades no âmbito da economia criativa.

2. Avanços e desafios para o CCJ

Não há dúvida de que foi uma escolha acertada a implantação do CCJ em uma região periférica de São Paulo (Vila Nova Cachoeira), densamente habitada, por uma grande população jovem carente de opções de lazer e socialmente excluída dos meios culturais e artísticos. Entretanto, a existência por si só do CCJ não é suficiente para produzir os vínculos esperados com as áreas e atividades que constituem a economia criativa. Hoje, as oportunidades disponibilizadas por esse equipamento público ainda se restringem muito ao campo da cultura, inibindo o seu potencial de crescimento, em vista da subordinação do CCJ à Secretaria Municipal da Cultura.

Os três pavimentos que compõem o Centro reúnem, em um mesmo espaço: biblioteca (com HQteca), anfiteatro, teatro de arena, sala de projetos, internet livre em banda larga, laboratório de idiomas, laboratório de pesquisas, estúdio para gravações musicais, ilhas de edição de vídeo e áudio, ateliê de artes plásticas, sala de oficinas e galeria para exposições, além de uma ampla área de convivência.

Esse equipamento chama a atenção por abrigar e oferecer, no mesmo espaço, atividades tão variadas a ponto de atrair os jovens não apenas como público passivo, mas como “atores do jogo cultural” e das várias experiências e suas linguagens artísticas, como foi apontado por Botelho e Oliveira (s.d., p. 4).

Espera-se que esse espaço de convivência, de troca de informações e de criação de laços sociais, no qual "a figura do 'amigo' ou 'conhecido' pode funcionar como um importante mediador entre o praticante e as manifestações artísticas", facilite a construção de relações capazes de permitir a transmissão de conteúdos, conforme explicitam Botelho e Oliveira (s.d., p. 9). Aliás, esse é o grande diferencial do CCJ, dado o seu propósito de estimular o jovem a não só frequentar o Centro, mas também experimentar atividades de entretenimento e expressão artística inabituais de sua rotina, as quais, a depender de sua aptidão, talento e interesse, poderão abrir-lhe oportunidades de renda e desenvolvimento pessoal no âmbito das atividades pertinentes à Economia Criativa.

Acredita-se que a contribuição do CCJ nessa direção depende de um movimento maior de articulação da Prefeitura de São Paulo com as instâncias e organismos envolvidos na execução da Agenda 2012 proposta para o município[11], que tem como um de seus eixos estruturantes o conceito de "Cidade Criativa". O desafio posto de "aproveitar as potencialidades criativas da cidade para promover o desenvolvimento econômico e social" deveria, a nosso ver, passar necessariamente pela redefinição dos programas e ações estabelecidos nessa agenda.

Nesse contexto, por exemplo, caberia ao CCJ trabalhar de forma mais coordenada com a área de educação, permitindo ao jovem experimentar um leque de novas atividades de acordo com as suas aspirações e se formar e/ou se capacitar para o exercício de alguma das ocupações relacionadas à economia criativa. Rever, portanto, a inserção do CCJ em uma agenda maior, que explore as sinergias decorrentes das atividades criativas, poderá significar ganhos de eficiência conjunta aos atores sociais, permitindo um resultado muito mais satisfatório para os jovens paulistanos, sobretudo visando a sua inclusão no mercado de trabalho.

[11] Essa Agenda foi divulgada em abril 2009, para a gestão do Prefeito Gilberto Kassab.

Sabe-se, entretanto, que estabelecer essa agenda não representa uma tarefa simples. Sem a definição clara de rotinas e estratégias para organizar e orientar atividades e segmentos com características específicas e muito dinâmicas como as que envolvem a economia criativa, torna-se praticamente impossível fixar regras e mecanismos institucionais de estímulo e apoio ao desenvolvimento de empreendimentos criativos. Considerando que a criatividade está intimamente relacionada ao empreendedorismo, a linha de ação preconizada pela Agenda 2012 no que se refere às metas da Cidade Criativa deveria contemplar não apenas a simples reprodução de espaços e centros artístico-culturais, como o CCJ, mas integrá-los aos institutos de P&D e/ou escolas técnicas e profissionalizantes, e empresas/incubadoras. Iniciativas semelhantes são utilizadas com aparente sucesso em países como Reino Unido, Finlândia e Alemanha[12], com a finalidade de atrair os jovens e qualificá-los para as novas demandas desse mercado de trabalho.

Embora a cidade de São Paulo reúna todas as condições necessárias para se constituir como cidade criativa, a municipalidade tem muito a avançar nessa agenda. Sem a definição clara de uma estratégia de atuação que contemple a articulação dos vários segmentos e atividades da economia criativa no longo prazo, dificilmente equipamentos isolados ou programas/ações de secretarias esparsas conseguirão alcançar resultados efetivos. O CCJ tem um grande potencial para auxiliar nesse processo; caberá, no entanto, à prefeitura rever seu papel institucional, atribuindo-lhe maior participação nessa agenda em construção.

Dentro do quadro apresentado até aqui, fica claro que iniciativas isoladas não são suficientes para apostar em um cenário constituído que permita aplicar à cidade de São Paulo, o qualificativo de “cidade criativa”. No entanto, a cidade tem todo o potencial para almejar esse título: sua pujança econômica, a diversidade de sua população, seu papel

[12] KEA European Affairs (2009) examina em seu capítulo 4 as contribuições da criatividade cultural para outros setores, negócios e disciplinas para alguns países selecionados.

fundamental como legitimadora de práticas de criação, difusão e fruição cultural. São Paulo é, em microescala, o reflexo da formação histórica, social e cultural brasileira, diacrônica e sincronicamente.

O que fica claro ao analisar o CCJ é a importância de se multiplicarem espaços como esse, não necessariamente tomando-o como paradigma estrito. Além disso, a multiplicação, por si só, não seria suficiente. Examinando a questão tendo como referência a distribuição espacial da cidade e de sua população, a existência de centros culturais multidisciplinares de formação, de criação e fruição é bastante dependente de políticas públicas – não apenas culturais – que considerem a sua distribuição pelo município e que promovam a articulação entre os diversos setores e as diversas formas de se interferir na formação de jovens. Cabe chamar a atenção para os riscos da instrumentalização do papel da cultura nessa formação, quando vista apenas como fator de geração de emprego e renda. Se assim for, ela se reduz a um mero treinamento para o aumento de mão de obra mais especializada, em que o desenvolvimento da criatividade é apenas marginal.

Num primeiro momento, a rentabilização de espaços previamente existentes seria uma forma importante de melhorar a distribuição espacial. Interessa lembrar, por exemplo, o esvaziamento do programa dos CEU's[13], que tinha, em sua origem, uma proposta aberta à população e complementar ao sistema escolar preexistente no entorno dos

[13] Os Centros Educacionais Unificados (CEU's) são equipamentos públicos voltados à educação, que foram estruturados pela Prefeitura de São Paulo, como um projeto intersecretarial, em 2001, durante o primeiro ano da gestão Marta Suplicy, a partir das consultas populares por meio do Orçamento Participativo. Localizados nas áreas periféricas da Cidade de São Paulo, foram concebidos pelo EDIF - Departamento de Edificações/PMSP como um centro local da vida urbana, com seu programa que articula os equipamentos urbanos públicos dedicados à educação infantil e fundamental e às práticas esportivas, recreativas e culturais cotidianas. Todos os 45 CEU's existentes na cidade são equipados com quadra poliesportiva, teatro (utilizado também como cinema), playground, piscinas, biblioteca, telecentro e espaços para oficinas, ateliês e reuniões. Os espaços são abertos nos finais de semana com o intuito de beneficiar tanto crianças e adolescentes como a comunidade do entorno de baixa renda.

locais onde foram implantados. Ao lado disso, a articulação com equipamentos instalados no município, como no caso da rede Sesc, deveria ser prioritário quando o objetivo é a qualificação da vida da população, entendendo o verdadeiro papel da cultura e da arte no crescimento pessoal de cada indivíduo – este, sim, fundamental para o desenvolvimento de processos criativos que repercutem na sociedade e na conformação das cidades.

Se o estudo mostrou que uma parcela importante dos frequentadores habituais do CCJ o utiliza para a complementação de suas formações (biblioteca, cursos de preparação para o vestibular, estudo de línguas, por exemplo), apontou também para uma expressiva busca por atividades que desenvolvam seus potenciais criativos.

A ampliação do repertório cultural dos indivíduos – aspecto fundamental para o desenvolvimento da criatividade individual e da capacidade de apropriação de conteúdos diversificados – também é apontada, o que revela, mais uma vez, na direção da necessidade de articulação com os demais equipamentos culturais, públicos ou privados, existentes na cidade.

Referências Bibliográficas

BOTELHO, Isaura; OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos. *Centros culturais e a formação de novos públicos*. [S.l.], s.d. Mimeografado.

DCMS. *Creative Industries Economic Estimates Statistical Bulletin*. London: DCMS, 2004.

_____. *Staying ahead: the economic perfomance of the UK's creative industries*. London: DCMS, 2007.

FIRJAN. *A cadeia de economia criativa no Brasil.* Estudos para desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2 maio 2008.

IBGE. *Sistema de Informações e Indicadores culturais.* Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

FRANCE. *L'emploi culturel dans l'Union européenne en 2002*: données de cadrage et indicateurs*.* Paris: DEPS, 2002.

KEA. *The economy of culture in Europe*. European Affairs, October, 2006.

_____. *Impact of culture on creativity*. European Commission, 2009. 240 p.

OECD. The creative society of the 21st century. Paris: OECD, 2006.

OIC. *Industrias creativas de la ciudad de Buenos Aires*. Buenos Aires: CMD, 2009.

SILVA, Fernanda Arantes e. *Juventude, escolarização e poder local*: um estudo da "nova institucionalidade" no poder público local. São Paulo: FEU/SP, 2006. 92p. (Série Iniciação Científica, n. 2).

UNCTAD. *Creative Economy Report*: the challenge of assessing the creative economy. New York: United Nations, 2008.